

Spaghetti Junction

Ismael Monticelli

2022

Meu projeto para a exposição *Horror in the Modernist Block* aponta para muitos vetores diferentes. Não é à toa que dei para esse trabalho o nome de *Spaghetti Junction*, que é um termo utilizado para definir um cruzamento de tráfego rodoviário complexo ou massivamente entrelaçado que se assemelha a um prato de espaguete. A proposta é um emaranhado de vetores diferentes. Um amálgama proposital de ideias, que giram em torno de algumas palavras como: arquitetura moderna, Antigo Egito, Brasília, ambiguidade, teatralidade, dramaticidade, política, bestiário, apocalipse, retrofuturismo, mistério.

No Brasil, a arquitetura moderna não foi necessariamente um caminho para a pureza da linguagem ou para a racionalidade... A meu ver, ela foi um caminho para a teatralidade. Apesar de representar uma ruptura com a tradição do que era feito antes, Niemeyer manteve em sua linguagem arquitetônica, por exemplo, a dramaticidade e os jogos de luz e sombra da arquitetura barroca das Igrejas coloniais. Acredito que a frase de Le Corbusier "A paixão faz das pedras inertes, um drama" encontrou sua maior expressão na cidade de Brasília.



Figura 1 - Oscar Niemeyer. *Ruínas de Brasília*, 1964

Uma importante referência para esse projeto são duas pinturas feitas pelo arquiteto Oscar Niemeyer. Em 1964, quando o Brasil sofreu o Golpe Militar, o arquiteto estava na França e fez duas pinturas muito sombrias, onde Brasília aparece em ruínas. As icônicas colunas que o arquiteto desenhou especialmente para a cidade apareciam tombadas e despedaçadas. Por mais que uma arquitetura possa ser concebida com ideais utópicos, humanitários e democráticos, dependendo daquele que usa tal arquitetura, dependendo daquele que assume o poder, todos esses valores podem ser subvertidos. Brasília foi pensada como um palco para o teatro da política. A meu ver, Niemeyer talvez tenha compreendido naquele momento que o legado da arquitetura moderna, no futuro, poderia ser ambíguo.

Outro fator importante para o projeto *Spaghetti Junction* é que, no Brasil, a modernidade foi atravessada pelo imaginário da antiguidade egípcia [1].



Figura 2 - Excursão de brasileiros ao Cairo, em 1926.
Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade aparecem no canto direito, montados em camelos.



Figura 3 - Tarsila do Amaral, *Calmaria II*, 1929. Óleo sobre tela.

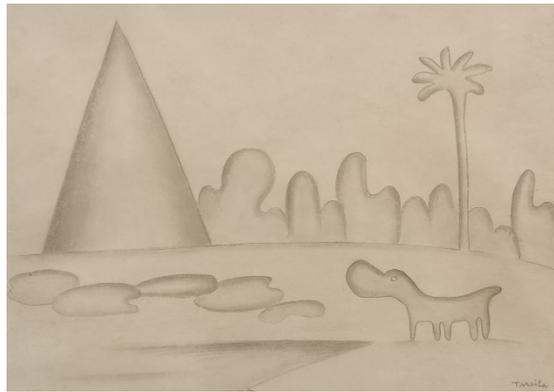


Figura 4 - Tarsila do Amaral, *Bicho com triângulo*, 1930.

Com o estabelecimento de uma ideia de turismo bastante próxima da que possuímos hoje, assim como a invenção e popularização da fotografia, o interesse pelas antigas civilizações e suas ruínas foi renovado. A descoberta da tumba do faraó Tutancâmon em 1922 e a vasta repercussão da notícia na imprensa tornará o Egito um dos principais destinos de viagem no começo do século XX.

Em 1930, Juscelino Kubitschek visitou o Egito e lá tomou conhecimento da história do faraó Akhenaton e da cidade que ele construiu, especialmente para ser a capital política do país na antiguidade: Akhetaton. Kubitschek foi eleito presidente do Brasil em 1955 e fará da construção da cidade de Brasília uma de suas principais plataformas de governo.



Figura 5 - Matéria publicada no Jornal Correio Paulistano, em 21 de abril de 1960 – dia da inauguração de Brasília –, relacionando a nova capital do Brasil com a cidade egípcia da antiguidade, Akhetaton. A imagem do faraó Akhenaton colocada próxima ao rosto de Juscelino dará vasão às especulações posteriores de que o presidente do Brasil poderia ser a reencarnação do faraó. Podemos observar também as duas peças publicitárias que estão presentes nas duas páginas, que fazem uso dos desenhos das colunas características da arquitetura de Oscar Niemeyer.

No final dos anos 1970 e começo dos anos 1980, começaram a surgir estudos que faziam paralelos inusitados entre a cidade de Brasília e a antiga cidade egípcia de Akhetaton, como o de Iara Kern, egiptóloga e professora de antropologia da UnB.

Coincidentemente, em Brasília, existe uma profusão de formas triangulares e pirâmides. Um exemplo é o prédio da Central Elétrica de Brasília - CEB, projetado pelo arquiteto Gladson da Rocha, ficava na L2 Norte e foi erguido em 1974 para controlar todo fornecimento de energia da cidade. O edifício tem as mesmas dimensões [61 metros de altura] da Pirâmide de Djoser, em Saqqara, construída para guardar a energia cósmica e controlar a energia vital da civilização da região. Segundo o arquiteto, a semelhança com o monumento egípcio não foi proposital. O projeto já veio "pronto" em sua mente - Lucio Costa falou o mesmo a respeito do desenho do Plano Piloto: a ideia já se apresentou pronta para ele.



Figura 6 - Gladson da Rocha, Edifício das Centrais Elétricas de Brasília, 1974.

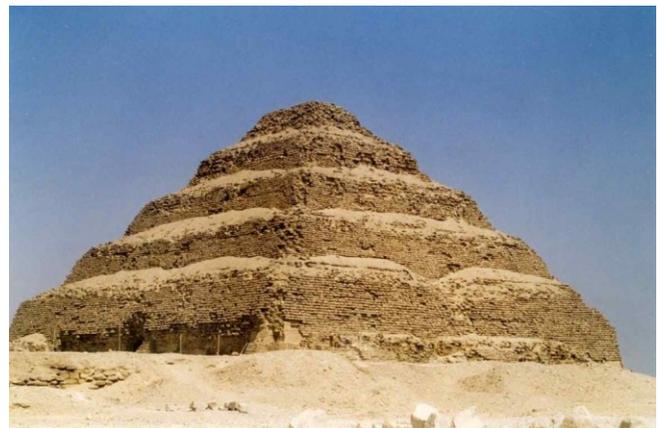


Figura 7 - Pirâmide de Djoser, Saqqara, Egito. Construída entre 2667-2648 a.C.

Outro exemplo, é o Memorial Juscelino Kubitschek, local onde o corpo de JK encontra-se sepultado, que se assemelha à uma mastaba egípcia – lugar onde os faraós das duas primeiras dinastias (tinitas), membros da família real ou altos funcionários do Antigo Império Egípcio eram enterrados. O corpo do ex-presidente jaz em um caixão de pedra em formato de pirâmide, escrito em dourado “O FUNDADOR”.

Para finalizar, uma coisa que acredito ser importante de se mencionar é que meu projeto foi gestado em um dos períodos eleitorais mais conturbados da história do Brasil. É impossível não lembrar as sombrias pinturas de Oscar Niemeyer sem associá-las às vozes antidemocráticas que pairam pelo meu país. Acho que esse clima

apocalíptico, de uma Brasília em chamas, assim como esse aspecto de bestiário, acabou conferindo o clima do projeto *Spaghetti Junction*.

[1] Essa relação foi um dos motes da exposição *Desvairar 22*, com curadoria de Marta Mestre, Veronica Stigger e Eduardo Sterzi, apresentada no SESC Pinheiros entre 27 de agosto de 2022 e 15 de janeiro de 2023.

[Fala apresentada na coletiva de imprensa da exposição coletiva *Horror in the Modernist Block*, com curadoria de Melanie Pocock, na Ikon Gallery, Reino Unido, em novembro de 2022.]